Diálogo Inter-religioso no tempo e 33 ideias para pensar e agir

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

acidi
Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, I.P.

TÍTULO

DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO NO TEMPO

E

33 IDEIAS PARA PENSAR E AGIR

AUTORES

JOANA VIANA LOPES
FILIPE AVILLEZ
(FACULDADE DE TEOLOGIA, UCP DE LISBOA)

COLABORAÇÃO

CAMILA CARDOSO FERREIRA
ISABEL FERREIRA MARTINS

COORDENAÇÃO

FILOMENA CASSIS
BÁRBARA DUQUE
(DAADI, ENTRECULTURAS - ACIDI, IP)

EDIÇÃO

ACIDI - ALTO COMISSARIADO PARA A IMIGRAÇÃO E DIÁLOGO INTERCULTURAL, IP

RUA ÁLVARO COUTINHO, 14 1050-025 LISBOA
T. 218106100 F. 218106117
acidi@acidi.gov.pt
www.acidi.gov.pt

DESIGN

BUILDING FACTORY
b.factory@mac.com

IMPRESSÃO

TEXTYPE

TIRAGEM: **4375 EXEMPLARES**
DEPÓSITO LEGAL: **Nº 338 117/11**

EDIÇÃO 2011

ÍNDICE

4 NOTA DE ABERTURA

6 DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO: PORQUÊ?

9 DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO: UM OLHAR NO TEMPO

10 1. Cronologia de alguns acontecimentos marcantes do diálogo inter-religioso

33 2. Algumas personalidades marcantes do diálogo inter-religioso

33 a) Antes de o ser...

35 b) Papel de alguns líderes mundiais...

39 3. Diálogo inter-religioso: um (longo) caminho a percorrer

41 33 IDEIAS PARA PENSAR E AGIR

53 ALGUNS RECURSOS

54 1. Para saber mais...

55 2. Para debater...

56 3. Materiais de apoio

60 4. Termos e expressões de origem religiosa

61 5. Algumas das principais festas

64 6. Orientações de caráter geral para se visitar templos ou lugares sagrados

NOTA DE ABERTURA

As religiões são caminhos diferentes para um mesmo ponto. Que interessa usarmos itinerários diferentes, desde que cheguemos ao mesmo objetivo.[1]

Mahatma Gandhi, 1869-1948, Índia, Cartas a Ashram

A dimensão religiosa é uma componente fundamental da identidade e da cultura dos povos e marca profundamente muitas das comunidades que atualmente se cruzam entre nós. Esta diversidade de crenças, valores e de afirmações identitárias baseadas na pertença religiosa constitui-se como um espaço privilegiado para o aprofundamento de uma cultura plural e aberta ao diálogo.

As diferenças religiosas continuam demasiadas vezes a ser fonte de tensão, conflito e discriminação. Sem uma prática de diálogo intercultural, corremos o risco de nos fecharmos no receio do desconhecido, numa visão estática das culturas, não aprendendo nada uns com os outros.

Vivemos um tempo de mudança mas também de esperança. Aceitar o pluralismo não significa diluição ou negação dos nossos valores, é um dado da vida em sociedade e um recurso que abre novos horizontes de sentido.

Essencial é não considerar as nossas convicções, religiosas ou outras, como únicas verdadeiras. A compreensão mútua, a tolerância e a capacidade de interagir e cooperar constroem-se a partir do conhecimento dos outros, incluindo a sua identidade religiosa. Como disse Mia Couto, é urgente conhecermos melhor aqueles a quem temos chamado "eles".

1 In Morsy, Z. (Ed.) 2006 [1975]. *A Tolerância – Ensaio Antológico.* Lisboa: ACIME.

Para além do conhecimento, formar cidadãos capazes de viver juntos e em paz, implica uma mudança na forma como nos vemos, como lemos o mundo e nos relacionamos com os outros. Tem que ser o resultado de uma experiência de aprendizagem envolvendo a reflexão, mas também dimensões afetivas, de atitudes e valores.

Ultrapassar os preconceitos e os ódios não está inscrito na natureza humana. Aceitar o outro não é nem mais nem menos natural do que rejeitá-lo. Reconciliar, reunir, adotar, moderar, pacificar são gestos voluntários, gestos de civilização que exigem lucidez e perseverança; gestos que se adquirem, que se ensinam, que se cultivam. Ensinar os homens a viver juntos é uma longa batalha que nunca está completamente ganha. Requer uma reflexão serena, uma pedagogia hábil, uma legislação apropriada e instituições adequadas (A. Malouf, 2009).[2]

Com este guia, o ACIDI, no espírito da Declaração Universal dos Direitos Humanos que inclui o Direito à Liberdade de pensamento, de consciência e de religião, propõe-se dar um contributo para desocultar ideias feitas e aproximar pessoas com tradições, crenças e convicções diversas, na perspetiva de abrir caminhos para o que podemos considerar a utopia do diálogo inter-religioso.

Aos autores, Joana Viana Lopes e Filipe d'Avillez e à Faculdade de Teologia, da Universidade Católica Portuguesa de Lisboa, pelo espírito de colaboração e empenhamento que puseram na concretização deste trabalho, queremos expressar o nosso sentido reconhecimento.

Rosário Farmhouse
ALTA COMISSÁRIA PARA A IMIGRAÇÃO E DIÁLOGO INTERCULTURAL

2 Malouf, A. 2009. *Um Mundo sem Regras*. Lisboa: Difel.

DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO: PORQUÊ?

Vivemos num mundo inequivocamente global onde a perceção da pluralidade e da diferença é uma constante. Enquanto descobrimos quem é o outro e qual a sua pertença cultural, somos chamados enquanto seres humanos a desenvolver competências mais alargadas de relação e de diálogo.

Muitos foram os acontecimentos históricos, principalmente os que ocorreram no século passado, que vieram alterar o paradigma e a visão que o ser humano tem de si próprio e do mundo em que está inserido. Apesar das diferenças que caracterizam cada povo, existe hoje uma consciência universal da existência de uma Humanidade partilhada. Uma perspetiva que traduz um reconhecimento e valorização progressiva dos direitos humanos universais que a todos assistem, independentemente da sua cultura, situação ou pertença religiosa.

A consciência plural convoca a liberdade e o respeito mútuo como valores na base da relação e interação entre os povos, na medida em que evidencia a existencia não apenas de uma visão e tradição mas de várias, que devem aprender a coexistir pacificamente. Desta forma, vemos que nunca como antes foi tão pertinente falar e refletir sobre o diálogo intercultural, questionando as formas como se constrói, os objetivos que acompanham o seu desenvolvimento ou as razões que pautam o seu crescimento.

Os fenómenos de imigração, a par da crescente mobilidade e comunicação globais, desafiam profundamente cada sociedade para a construção de um espaço verdadeiramente intercultural, onde todos têm e ocupam um lugar. Tanto as populações que se deslocam, como as que acolhem, têm um papel ativo para que o valor da dignidade humana seja preservado e que cada pessoa na sua diferença possa ser reconhecida e valorizada. Na Europa, a crescente diversidade religiosa e a sua visibilidade no espaço público têm vindo a convocar os diferentes países a repensar a sua pluralidade.

A história mais recente levou ao renascer do debate em torno da religião e do seu papel no mundo, debate esse que, muitas vezes, assenta em "ideias feitas" e preconceitos. Por exemplo, julgar que é a religião o único fator na origem de guerras ou conflitos é uma visão simplista desses fenómenos. Enquanto assistimos ao regresso daquilo que se crê ser uma forma de violência religiosa, ressurgem também, por

outro lado, formas de fundamentalismo antirreligioso, que perspetivam a religião como fonte de discórdia, não considerando o seu potencial espiritual e relacional.

Na perspetiva de um contributo para a paz e de respeito pelos direitos humanos, é no âmbito do diálogo intercultural e na complexa, mas possível, tarefa de relação mundial que se enquadra o diálogo inter-religioso.

As religiões são parte integrante da identidade coletiva e pessoal, uma vez que marcam de forma significativa a sua estrutura e formas de relação. São propostas de sentido com origens e características distintas, que mobilizam e comprometem aqueles que a elas aderem. Deste modo, o diálogo inter-religioso enquanto dimensão do intercultural, enquadra especificamente o religioso e o espiritual, bem como as convicções e valores que cada ser humano assume na sua vida. É na complexidade destes universos de sentido e das suas relações históricas que esta forma de diálogo toma corpo num campo próprio. Trata-se de um tipo de relação entre as diversas religiões e convicções, onde não se procura nem anular o que caracteriza determinada crença, nem construir algo de novo. A diferença e a identidade espiritual e religiosa são valorizadas exatamente no momento em que são chamadas a dialogar, a coexistir em harmonia e paz, contribuindo para a construção de um mundo melhor, mais consciente da sua diversidade e riqueza.

O diálogo é uma forma de estar, de ser e de viver o que cada um é e acredita. Deste modo, nunca estará concluído nem acabado. Não é uma tarefa que possamos cumprir, mas uma atitude que devemos cultivar para o bem da sociedade em que vivemos.

A cronologia do diálogo inter-religioso, que agora se apresenta, está dividida em duas partes distintas: uma primeira contém alguns dos principais acontecimentos que marcaram e marcam a forma como este diálogo se vai desenvolvendo e acontecendo na história; e uma segunda onde constam exemplos de personalidades relevantes desta mesma história, alguns dos quais antecedentes ao próprio movimento atualmente denominado de diálogo inter-religioso, mas que de alguma forma já o preparavam.

É um descritivo que não pretende ser exaustivo, mas ilustrativo no elenco que faz dos acontecimentos e das personalidades que marcaram o diálogo inter-religioso. Um diálogo que tem lugar nas mais variadas esferas, desde o nível pessoal e familiar até ao nível institucional, não podendo, deste modo, ser completamente abarcado num descritivo. São mencionados os acontecimentos e personalidades que têm, de alguma forma, mais visibilidade, sem que com isto se queira reduzir o labor inter-religioso a algo que é publicamente visível, internacionalmente reconhe-

cido ou fruto de uma iniciativa institucional. As instituições enunciadas são apenas exemplificativas, uma vez que existe um conjunto vasto que, pelo mundo, dinamiza este diálogo e o considera determinante para o desenvolvimento da vida dos povos em democracia.

A leitura da primeira parte desta brochura contribuirá, à sua medida, para a perceção da real importância e necessidade do diálogo inter-religioso como forma de sociabilidade entre todos – crentes das diferentes tradições religiosas e/ou de outras convicções, ateus, agnósticos.

O caminho do diálogo, do respeito e do reconhecimento mútuo é o único capaz de contribuir para a construção de uma sociedade que se saiba e se aceite verdadeiramente plural.

Portugal tem sido, nos tempos atuais, um exemplo de respeito e convivência inter-religiosa. O que não significa que o diálogo efetivo seja uma prática enraizada. A intolerância e o medo do desconhecido são ameaças sempre presentes nas sociedades. Há, por isso, muito a fazer. Na segunda parte desta publicação, procuramos partilhar algumas ideias concretas que, se postas em prática nas nossas vidas, famílias, escolas, locais de trabalho, grupos, comunidades poderão ajudar a preservar e a aprofundar o respeito mútuo entre pessoas de religiões diferentes e, também, entre aquelas que não partilham crenças religiosas.

Na secção de recursos encontra ainda uma série de sugestões, propostas, orientações e instrumentos para dar passos de aprofundamento: filmes e livros; propostas de atividades a desenvolver em contexto escolar; propostas para debater em contextos não formais; curiosidades acerca de termos ou expressões de origem religiosa; calendário com algumas das principais festas e, ainda, orientações de caráter geral para visitar templos ou lugares sagrados.

Diálogo Inter-religioso: **um olhar no tempo**

1.
CRONOLOGIA DE ALGUNS ACONTECIMENTOS MARCANTES DO DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

1893
Parlamento das Religiões do Mundo

Nascimento formal do diálogo inter-religioso

Realizado em Chicago, marca, sem dúvida, a história do diálogo inter-religioso. Foi a primeira vez que um conjunto significativo de representantes de diversas religiões se encontrou para debater assuntos relacionados com os seus credos. Procuravam, desta forma, construir uma plataforma comum de diálogo e entendimento que levasse, em última instância, à construção da paz. Daí que se identifique este acontecimento como o nascimento formal do diálogo inter-religioso a uma escala global. Os representantes presentes não eram eleitos, como o nome parlamento poderia induzir, mas sim delegados oficiais ou entusiastas que representavam a sua confissão religiosa de forma não oficial.

O indiano Swami Vivekananda foi um dos intervenientes que teve maior visibilidade e marcou o decorrer deste encontro. Era o representante do hinduísmo e na sua intervenção falou de tolerância e aceitação universal, afirmando mesmo que os hindus aceitavam todas as religiões como sendo verdadeiras, referindo-se às mesmas como diferentes riachos de distintas nascentes que desembocam num mesmo oceano.

Neste acontecimento vemos o diálogo inter-religioso a tomar corpo, já que foi a primeira vez na história que um encontro entre diferentes confissões religiosas se pautou por um genuíno espírito de abertura e de respeito mútuo. É de realçar o facto de ter ocorrido nos Estados Unidos da América, um país caracterizado por uma elevada diversidade e pluralidade.

www.parliamentofreligions.org

1936
World Congress of Faiths

Primeiros passos na fundação de organizações que visam desenvolver e promover o diálogo inter-religioso

É uma das primeiras organizações fundadas para desenvolver o diálogo inter-religioso e promover uma melhor compreensão e cooperação, baseadas no respeito entre pessoas de diferentes fés. Francis Younghusband esteve na origem deste Conselho que, atualmente, tem um boletim dedicado à reflexão sobre o diálogo inter-religioso. Organiza, para além disso, variadas conferências, reuniões, retiros e visitas com o intuito de criar situações onde os intervenientes possam aprender e compreender credos distintos. Os seus membros acreditam que a compreensão entre pessoas de diferentes religiões é essencial, não só para uma boa relação na sociedade, como também para uma renovação moral e espiritual que fomente a paz mundial. O seu objetivo é promover um espírito fraterno entre todos e não criar uma religião universal.

www.worldfaiths.org

1940
Comunidade de Taizé

Criação de um espaço ecuménico de partilha

Esta comunidade foi fundada em França, por Roger Schutz-Marsauche, mais conhecido como Irmão Roger. É uma ordem monástica ecuménica que tem como intuito oferecer um espaço onde a unidade entre os cristãos possa realmente acontecer, não apenas entre os Irmãos que pertencem à ordem, mas também a todos aqueles que o visitam. A comunidade é composta por católicos e protestantes que partilham entre si o amor pelo Evangelho. A experiência de Taizé é baseada na oração e no silêncio. O seu fundador era muito consciente, desde o início, acerca das divisões que separam católicos e protestantes. E, por isso, sempre sentiu que a sua missão era construir algo onde as diferenças pudessem ter o seu espaço, não sendo inibidoras de relação e comunhão.

Atrai a si milhares de jovens de todo o mundo, das mais diversas culturas e tradições, que se reveem neste espírito de reconciliação e procuram um espaço de reflexão, de encontro consigo, com a fé e com os outros. É esta a experiência de partilha e humildade que os irmãos de Taizé procuram transmitir aos que os visitam. Em tudo o que fazem promovem a justiça e a paz.

É um exemplo de como as diferenças não têm necessariamente de ser geradoras de conflitos e de afastamento, mas podem ser também ocasião de respeito, tolerância e interajuda.

www.taize.fr

1942
Conselho Internacional de Cristãos e Judeus
Formalização do diálogo judaico-cristão

Este Conselho congrega um conjunto de 38 organizações nacionais que promovem o diálogo judaico-cristão pelo mundo. Tendo sido criado como uma reação ao holocausto, tem como intuito renovar as relações que unem estas religiões. Atualmente, dedica-se a impulsionar o diálogo entre as religiões abraâmicas[1], fomentando o encontro entre judeus, cristãos e muçulmanos. Com base no respeito pela sua identidade e integridade, promove a compreensão e cooperação entre as religiões. Combate todas as formas de preconceito, intolerância, discriminação, racismo e instrumentalização da religião para fins nacionais ou políticos. A sua ação passa por coordenar atividades a nível mundial que concorram para os aspetos atrás referidos, entre as quais, conferências e debates. Assim, é propiciada aos participantes uma partilha de experiências e conhecimentos.

www.iccj.org

1 Religiões Abraâmicas – designação genérica para as três religiões monoteístas primordiais: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. São aquelas que podem traçar sua história até Abraão e que têm na figura do patriarca o seu marco referencial inicial.

1945

Organização das Nações Unidas (ONU)

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO)

Institucionalização de uma consciência global da igual dignidade humana

A ONU tem como missão manter a paz e a segurança, fomentando relações cordiais entre as nações, promovendo o progresso social, melhores padrões de vida e os direitos humanos. A religião é parte integrante da vida em sociedade, influenciando profundamente a forma como as pessoas vivem e se relacionam. Tendo isso em conta, a ONU, através da UNESCO, desenvolve vários projetos que promovem e impulsionam o diálogo inter-religioso.

A UNESCO, criada a 16 de novembro (Dia Internacional da Tolerância) aposta no diálogo entre civilizações, culturas e povos, na perspetiva de que só desta forma é possível atingir um desenvolvimento sustentável que respeite os direitos humanos e alivie a pobreza mundial. Em 2006, esta organização lançou um programa específico de reflexão sobre o diálogo inter-religioso para que este possa conduzir a uma melhor compreensão intercultural. É um dos ramos do projeto UNITWIN (1992) – uma rede de cooperação académica internacional – que visa aumentar a capacidade de enriquecimento mútuo através da troca de conhecimentos e da partilha num espírito solidário. Desta forma, a ONU cria plataformas que, ao mesmo tempo, põem em prática o diálogo inter-religioso e criam condições para que este se possa desenvolver mais fluentemente a nível local e regional.

www.unesco.org

1948

World Council of Churches
Conselho Ecuménico das Igrejas (WCC)

Organização internacional ecuménica que promove o diálogo inter-religioso

Este Conselho é um organismo internacional ecuménico, oficialmente criado em 1948, em Amesterdão, na Holanda, que reúne mais de 300 igrejas cristãs. Esta reunião, porém, só juntou delegados de Igrejas Protestantes e representantes da Igreja Ortodoxa, já que a Igreja Católica não esteve presente.

Atualmente, este organismo continua a existir e a desempenhar a sua missão ecuménica, estimulando o diálogo e a relação entre protestantes, ortodoxos e católicos. A Igreja Católica mantém uma relação formal com este Conselho, sendo membro observador.

Dos projetos que desenvolve, um deles diz respeito ao diálogo inter-religioso e à cooperação entre as religiões, visando uma maior compreensão, cooperação, respeito, tolerância entre as diversas religiões. Intervêm também nas sociedades e comunidades onde a religião é usada para fomentar ou justificar conflitos.

A sua proposta baseia-se na convicção de que é necessário saber viver a sua própria fé com integridade, ao mesmo tempo que se respeita e aceita o outro na sua diferença. O WCC, um organismo ecuménico por natureza, é um exemplo significativo de uma organização internacional que vem dando passos sólidos nesta matéria.

www.oikoumene.org

1948

Declaração Universal dos Direitos Humanos

Organização das Nações Unidas (ONU)

Reconhecimento público da pluralidade e consagração dos direitos universais do ser humano

Aprovada a 10 de dezembro de 1948, pela ONU, é um documento de extrema relevância para a consciência que o ser humano tem de si próprio. Estão aqui consagrados os direitos básicos, essenciais e universais, comuns a todos, independentemente da sua raça, cor, sexo, língua, religião... Nele é reconhecida a comum dignidade, igualdade e liberdade do ser humano.

No artigo XVIII, encontramos consagrados os direitos referentes à prática religiosa:

«Toda a pessoa tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, isolada ou coletivamente, em público ou em particular».

Um enunciado que traduz o reconhecimento do pluralismo, sendo de grande importância e significado para o diálogo inter-religioso. O ser humano não só tem o direito a escolher a sua religião, de a mudar se assim o entender, como também de a expressar livremente. Não é algo que se deva impor, mas faz parte das suas liberdades fundamentais. Esta ratificação exprime uma alteração de pensamento e da forma de o ser humano se relacionar com a própria religião e com a dos outros.

A Declaração vem reforçar a importância de cada pessoa ver salvaguardados e respeitados os seus direitos fundamentais em matéria de opção religiosa.

www.un.org/en

1960

Secretariado para a Promoção da Unidade dos Cristãos a partir de 1989 - Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos

Institucionalização católica de promoção do ecumenismo

O Papa João XXIII cria, pela primeira vez, um departamento para tratar dos assuntos ecuménicos. Inicialmente, a principal função do Secretariado era convidar outras Igrejas e Comunidades para irem como observadoras ao Concílio Vaticano II (ver descrição a seguir). No decurso da iniciativa, foi incumbido de preparar e apresentar ao Concílio os seguintes documentos: o decreto sobre o Ecumenismo (*Unitatis Redintegratio*), a declaração sobre a liberdade religiosa (*Dignitatis Humanae*), a declaração sobre a Igreja e as religiões não cristãs (*Nostra Aetate*) e, em conjunto com a comissão doutrinal, a Constituição sobre a Revelação Divina (*Dei Verbum)*. O Papa Paulo VI confirmou este Secretariado e o Papa João Paulo II, em 1989, transformou o Secretariado num Conselho Pontifício.[2]

Atualmente, este Conselho tem a seu cargo a promoção de um espírito verdadeiramente ecuménico dentro da Igreja Católica, promovendo e desenvolvendo o diálogo e a colaboração entre todos os cristãos. Desde o seu início que estabeleceu uma cooperação cordial com o já referido WCC.

Em 1974, o Papa Paulo VI criou uma Comissão para a relação com os judeus que, sendo distinta deste Conselho, está sob a sua tutela.

A criação deste Conselho é um primeiro passo de abertura institucional e oficial da Igreja Católica face à restante Cristandade e às outras religiões não cristãs.

www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/chrstuni/index_po.htm

2 Conselhos Pontifícios são organismos presididos por um cardeal ou um bispo que fazem parte da cúria romana. Chama-se cúria romana ao conjunto de organismos e pessoas que auxiliam o Papa no exercício da sua missão, no governo da Igreja.

1962-1965

Concílio Ecuménico Vaticano II

Diálogo em concílio pelas mãos da Igreja Católica

A realização do Concílio Ecuménico Vaticano II constituiu um verdadeiro marco na vida e na história da Igreja Católica. Tinha como finalidade a adaptação/atualização (*aggiornamento*) da Igreja e do apostolado[3] a um mundo em plena transformação e o regresso à unidade dos cristãos. Não se trata de um Concílio que veio mudar o credo da Igreja Católica, mas simplesmente a forma como esta se expressava e se relacionava com o mundo.

Este Concílio foi de extrema importância também para o diálogo inter-religioso e para o ecumenismo. Só a partir dele é que a Igreja Católica desperta verdadeiramente para a necessidade e importância de criar um espaço de diálogo. O propósito é promover um clima de tolerância e colaboração, em que as diversas religiões do mundo se possam encontrar e compreender, deixando de se ver como uma ameaça.

A realização do Concílio levou à proliferação no seio da Igreja de inúmeras organizações que se dedicam a concretizar o diálogo inter-religioso nas pequenas comunidades.

www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/index_po.htm

3 Apostolado – missão de apóstolo, ação de divulgar e defender uma determinada doutrina.

1964

Secretariado para os Não-Cristãos a partir de 1988

Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-Religioso

Institucionalização católica de promoção do diálogo inter-religioso

O Papa Paulo VI cria este Secretariado na cúria romana (ver nota 2). Em 1988, passa a ser intitulado Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-Religioso (PCID). Tem como missão conduzir e promover o diálogo inter-religioso entre o mundo cristão católico e as outras religiões, tendo em vista contribuir para uma mútua compreensão, respeito e colaboração. Encoraja também o estudo das religiões e a formação de pessoas dedicadas ao diálogo. O Espírito do Concílio Vaticano II esteve na origem deste órgão e anima a forma como atualmente conduz a sua missão.

Este Conselho tem uma comissão especial que se ocupa das relações com os muçulmanos, instituída pelo Papa Paulo VI, em 1974. A relação com os judeus não é da sua competência, já que, conforme referido, está atribuída ao Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos.

Os membros deste órgão desempenham o seu trabalho, não só fazendo e recebendo visitas e indo a conferências e encontros, mas também através de comunicações oficiais e publicações, que abrangem diferentes aspetos do diálogo inter-religioso.

www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/interelg/index_po.htm

1970

International Jewish Committee on Interreligious Consultations – Comissão Judaica Internacional para as Consultas Inter-religiosas (IJCIC)

Institucionalização judaica de promoção do diálogo inter-religioso

É o consórcio encarregue de representar o Judaísmo nas relações com as outras religiões. Reúne no seu seio vários membros de associações mais pequenas, sendo um organismo reconhecido pela comunidade judaica mundial.

Inicialmente foi criado para desenvolver as relações com o Vaticano. No entanto, o progresso do diálogo inter-religioso e a consciência da sua vital importância aumentaram as competências deste Comité. Atualmente, promove o diálogo inter-religioso representando o Judaísmo junto das mais diversas instâncias e face a todas as religiões do mundo.

http://ijcic.org

1970

Religiões pela Paz

Coligação de religiões para a promoção da paz mundial

É a maior coligação internacional de representantes das grandes religiões mundiais que se dedica a promover a paz, através de uma sensibilização para a necessidade de acabar com as guerras, de erradicar a pobreza e de proteger o planeta.

O seu trabalho conjunto baseia-se na capacidade de celebrar a humanidade comum e de respeitar as diferenças religiosas. Reconhecem que as comunidades religiosas têm um papel privilegiado na assistência à pobreza e que a sua visão do mundo, infraestruturas e recursos muito contribuem para a eficácia deste tipo de ação. A sua intervenção passa por potenciar a ação comum das diversas comunidades, tanto a nível nacional como mundial.

Organizam, a cada cinco anos, uma conferência mundial que junta centenas de representantes religiosos para discutirem entre si as grandes questões e desafios que o nosso tempo enfrenta, sobretudo ao nível da paz mundial.

Esta coligação encara as religiões como instrumentos poderosos de construção da paz e de luta contra a injustiça, a exclusão e o sofrimento humano. As diferenças religiosas existem, mas não constrangem a real possibilidade de diálogo e de trabalho conjunto, se esse for o desejo e a convicção profunda dos intervenientes.

http://religionsforpeace.org

1971

Centro de Estudos das Religiões do Mundo em Bangalore

Um centro académico de estudo do diálogo inter-religioso

Integrado na Universidade Pontifícia Indiana *Dharmaram Vidya Kshetram*, tem trabalhado na promoção do diálogo inter-religioso e mútua compreensão entre pessoas de diferentes religiões. Organiza conferências, publica livros, proporciona cursos e seminários. No contexto indiano, pelo seu pluralismo religioso, é particularmente relevante a existência deste tipo de centro de estudos, já que a sociedade indiana é chamada a refletir sobre este fenómeno que a compõe e caracteriza.

Com o desenvolvimento do diálogo inter-religioso à escala mundial, muitos centros de estudos ligados a diversas universidades proliferaram pelo mundo (veja-se a experiência de Harvard mais adiante), dedicando-se ao estudo desta temática para aí encontrar forma de promover e construir o diálogo.

www.dvk.in

1977

Monastic Interreligious Dialogue
Diálogo Inter-religioso Monástico (MID)

Organização que visa a partilha de experiências entre as diversas religiões

Esta organização, fundada pelas comunidades beneditinas e cisterciences norte-americanas, tem como missão promover o diálogo inter-religioso e intermonástico, principalmente ao nível da prática e experiência espiritual. No mesmo ano, foi também criada, na Europa, a organização "Dialogue Inter-Monastique" (DIM) com as mesmas incumbências.

No início, o diálogo era promovido entre monges de diversas religiões com o objetivo de estreitar laços e de se enriquecerem mutuamente, principalmente através do conhecimento das práticas de oração e meditação. No entanto, as comunidades monásticas católicas mantêm atualmente uma relação aberta ao diálogo com o Judaísmo e o Islão, que não tem qualquer instituição monástica.

A relação e diálogo que as comunidades monásticas procuram construir baseiam-se na procura e experiência de fé que se encontra em todas as religiões. O que constitui a base para uma comunhão e aprendizagem conjunta, não implicando abdicar do próprio credo. Desta forma, o diálogo procura ser uma partilha de experiências religiosas, promovendo a união e uma compreensão mútua entre as diversas religiões.

De salientar que este organismo está em constante contacto com o Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-religioso.

www.monasticdialog.com

1978

Oriental Orthodox-Roman Catholic Consultation

Institucionalização norte-americana de uma relação de proximidade entre cristãos católicos e ortodoxos

Organismo fundado nos Estados Unidos da América com o objetivo de criar, institucionalmente, uma relação mais próxima entre cristãos católicos e ortodoxos. É composto pelo Comité para os Assuntos Ecuménicos e Inter-Religiosos da Conferência Episcopal norte-americana e pela Conferência de Igrejas Ortodoxas Orientais (pré-calcedónias[4]), a qual inclui representantes das Igrejas Arménia, Copta, Etíope e Siríaca. Estes representantes reúnem-se anualmente e produzem documentação conjunta onde constam as linhas condutoras do diálogo ecuménico que vão construindo. Atualmente, continuam a reunir-se e a caminhar na construção de pontes que permitem a todos viver em harmonia e respeito mútuo.

1986, 1993, 2002, 2011

Dia Mundial da Oração pela Paz em Assis

União pela paz

O Papa João Paulo II organizou um dia de oração pela paz em Assis, Itália, para o qual convocou os líderes religiosos mundiais. Esta iniciativa mostra o seu empenho e zelo na construção da paz e de um diálogo inter-religioso mais fraterno e colaborante. É significativo que o tenha feito através de um dia de oração por uma preocupação comum e não através de um debate teológico, já que primeiramente é necessário criar e fortalecer os laços de tolerância, confiança e colaboração entre as religiões. Os líderes religiosos começaram por refletir em conjunto sobre a paz e seguidamente rezaram em separado, de acordo com os seus credos. No final do dia, estabeleceram um compromisso conjunto de promoção da paz, afirmando que a

4 Igrejas Ortodoxas Orientais conhecidas como não–calcedonias ou pré-calcedonias são as que não aceitaram as decisões do Concílio de Calcedónia, em 451.

violência e o terrorismo são incompatíveis com a fé que todos professam. A guerra-fria foi o acontecimento particular que motivou este encontro.

Nos anos de 1993, 2002 e 2011, este encontro voltou a repetir-se com os mesmos objetivos, motivado pela guerra na Bósnia, pelos acontecimentos do 11 de setembro de 2001 e a subsequente guerra no Afeganistão, respetivamente.

O último encontro contou também com a presença dos que se assumem como "não crentes", considerando que a paz é um valor universalmente reconhecido e não estritamente confessional. O diálogo inter-religioso é um processo que se deve construir com base na abertura a outras convicções não confessionais e a novas formas de espiritualidade, mesmo que não possam ser institucionalmente representadas.

Estes encontros têm transformado a forma como as religiões se relacionam e se empenham em tarefas comuns, demonstrando como é possível criar relações onde o respeito e a compreensão mútua estão presentes.

1987

Inter Faith Network for the UK

Organizações locais, uma iniciativa no Reino Unido

Com o desenvolvimento de uma consciência global da importância do diálogo entre as religiões do mundo, assistimos a uma disseminação de um conjunto de organizações de âmbito local e internacional. Promovem as relações e o diálogo entre pessoas de confissões religiosas distintas e reúnem os representantes dessas mesmas religiões, para que o diálogo institucional também progrida.

A *Inter Faith Network* é um exemplo notável deste tipo de organizações a nível local. Visa promover boas relações entre pessoas de diferentes fés que espera sejam marcadas pela compreensão e respeito mútuo. De destacar o programa *Connect Diferent Faiths Shared Values* para crianças e jovens, os grandes protagonistas deste diálogo, com vista a criar oportunidades de trabalho conjunto.

www.interfaith.org.uk

1988

Council for a Parliament of the World's Religions Conselho para um Parlamento das Religiões do Mundo

Conselho para a promoção do diálogo inter-religioso e construção da paz mundial

Este Conselho foi criado por líderes religiosos e académicos com o intuito de preparar a celebração do centenário do *Parliament of the World's Religions*, realizado em Chicago, em 1893, e de propagar o seu espírito e legado. Desta forma, reforça o espírito de respeito e harmonia entre as religiões, com o objetivo de que estas possam construir um mundo melhor, mais justo, pacífico e sustentável.

Entre outras atividades, a cada cinco anos, organizam em diferentes cidades do mundo um novo *Parliament of the World's Religions*, que se constitui como um espaço aberto de comunicação e comunhão entre as religiões.

www.cpwr.org

1991

Projeto Pluralismo da Universidade de Harvard (EUA)

O pluralismo religioso em projeto académico

Com a incrementação do diálogo inter-religioso muitas foram as instituições académicas que desenvolveram programas específicos de reflexão e estudo no âmbito destas matérias. Sem uma componente reflexiva do fenómeno do pluralismo religioso e das especificidades que caracterizam as diferentes religiões, o diálogo inter-religioso como movimento global acabaria por não dar frutos significativos. A Universidade de Harvard tem em curso, desde 1991, o Projeto Pluralismo que se debruça sobre o fenómeno do pluralismo religioso, procurando analisar e compreender as diferenças entre as diversas religiões presentes no território americano. De salientar que nos Estados Unidos da América este fenómeno é significativo, já que a sua sociedade é multicultural e multirreligiosa.

Trata-se de mais um exemplo de como o contributo científico das instituições académicas é fundamental para um diálogo mais fundamentado e coerente.

http://pluralism.org

1991

The Interreligious Coordinating Council

Organização israelita de promoção da paz entre cristãos, judeus e muçulmanos

Uma organização em Israel que visa promover a convivência pacífica entre cristãos, judeus e muçulmanos. Parte do reconhecimento e valorização dos ensinamentos e valores comuns das religiões abraâmicas para, desta forma, tentar transformar o papel da religião na sociedade. Acredita que esta, em vez de criar divisões, conflitos e violência, deveria estar na origem da reconciliação, da coexistência e da compreensão mútuas. Promove projetos concretos de construção da paz e relações abertas e fraternas entre pessoas de tradições religiosas distintas.

Afirma ser a organização inter-religiosa mais conhecida e mais respeitada em Israel, congregando em si um conjunto de muitas outras organizações com os mesmos objetivos. É membro do Conselho Internacional de Cristãos e Judeus anteriormente referido.

A sua importância e pertinência decorre não apenas dos objetivos que promove, mas também e, principalmente, onde os promove – um território simbólico de inter-religiosidade.

http://english.icci.org.il/index.php?option=com_frontpage&Itemid=141

1992

The Center for Christian-Jewish Understanding

O Centro de Entendimento Judaico-Cristão (CCJU)

Plataforma de diálogo judaico-cristão

Este centro da Universidade do Sagrado Coração, em Connecticut, nos EUA, procura contribuir para que o diálogo entre cristãos e judeus acerca de Deus e de si próprios, seja marcado pela verdade, pelo respeito, a cooperação e a paz. Organiza seminários, conferências, colóquios e fóruns públicos para líderes religiosos e académicos nos vários continentes. O seu trabalho tem sido fortemente valorizado e encorajado pelo Vaticano. Como o próprio nome indica, é uma plataforma relevante para o entendimento, conhecimento e harmonia entre cristãos e judeus. O seu esforço na promoção do diálogo inter-religioso vai para além deste universo crente, englobando também os muçulmanos. O património comum destas religiões é valorizado e aprofundado, numa tentativa de resolver conflitos e mal-entendidos que têm marcado a história das suas relações.

www.sacredheart.edu/pages/122_center_for_christian_jewish_understanding.cfm

1993

Centenário do Parlamento Mundial das Religiões em Chicago

Comemoração do caminho realizado pelo diálogo inter-religioso e partilha formal de valores comuns

A celebração deste centenário reuniu cerca de oito mil pessoas de todo o mundo e das mais diversas religiões com o intuito de refletir sobre as respostas religiosas e espirituais para os problemas contemporâneos. No entanto, não foi concebida para ser apenas um momento de partilha entre religiões, mas também um acontecimento que conduzisse à ação conjunta dos intervenientes em assuntos de interesse global. Isto levou a que inúmeros líderes religiosos assinassem a Declaração *"Towards a Global Ethic: An Initial Declaration"*. Nesta declaração para uma ética

global, as religiões reconheceram o que têm em comum neste campo, assumindo que nas suas diferenças, partilham valores e que a luta pela sua defesa é o caminho para a construção mundial da paz.

Esta comemoração foi organizada pelo Conselho para o Parlamento das Religiões Mundiais, já mencionado, e com ela procura-se continuar o movimento iniciado em 1893.

1996
United Communities of Spirit
Rede online de diálogo inter-religioso

É uma plataforma on-line de suporte a uma rede global de pessoas com credos e convicções distintas e que visa promover o diálogo e a perceção de que toda a humanidade é parte da mesma família espiritual. As pessoas são convidadas a inscreverem-se individualmente nesta plataforma e a escolherem a sua forma de participação na mesma, interagindo com os restantes membros.

Esta iniciativa é um exemplo claro de como o diálogo inter-religioso se constrói em todas as esferas que compõem a sociedade e usando todos os meios disponíveis.

http://origin.org/ucs/home.cfm

1997
Elijah Interfaith Institute
Exemplo do diálogo inter-religioso na sociedade civil

Este instituto, fundado pelo Rabi Alon Goshen-Gottstein, é uma organização internacional sem fins lucrativos que pretende promover a paz entre as diversas comunidades de fé espalhadas pelo mundo através da educação e da investigação. Acredita que juntas serão mais capazes de construir uma sociedade mais justa.

Organiza conferências, iniciativas comunitárias, projetos de investigação, etc., que concorrem para os objetivos a que se propõem, ou seja, que ajudam na construção de pontes entre as diversas fés e religiões. Para tal, possui um vasto núcleo de contactos e de redes, que inclui um Conselho com os líderes religiosos

mundiais, uma extensa rede de académicos comprometidos, parcerias com universidades. É ainda membro da rede educacional e administrativa da UNESCO.

www.elijah-interfaith.org

2000

Iniciativa de Religiões Unidas

(*United Religions Initiative*)

Rede internacional de promoção do diálogo inter-religioso a nível local

Trata-se de uma rede inter-religiosa, reconhecida a nível internacional, ativa em 78 países. Trabalha, localmente, no combate à violência motivada por crenças religiosas, à pobreza, à exclusão social e à instabilidade provocada por crises sociais, económicas e ambientais. Organiza-se em Círculos de Cooperação que mobilizam pessoas de diferentes fés e tradições para trabalharem em conjunto com vista ao bem da sua comunidade, ampliando assim o seu poder e capacidade de atuação. Tem como objetivo uma tomada de consciência coletiva acerca da pluralidade que compõe a sociedade e tem em vista uma mudança de atitudes face ao outro e à sua diferença.

A ação local é de importância vital pois é na mudança de hábitos enraizados de exclusão que esta melhor se combate. É no quotidiano concreto de cada vida que se compreende melhor a real capacidade de relação entre pessoas com convicções e tradições distintas. A força desta rede está no facto de ligar e concertar estas iniciativas locais, multiplicando o poder da mudança.

www.uri.org

2007

A Common Word between Us and You
Uma palavra Comum entre Nós e Vós

Iniciativa muçulmana de promoção do diálogo inter-religioso

É uma carta aberta em que 138 estudiosos, clérigos e intelectuais muçulmanos propõem, como base comum de entendimento entre muçulmanos e cristãos, o amor a Deus e ao próximo. Este documento foi escrito na sequência da polémica que envolveu o discurso do Papa Bento XVI em Ratisbona e das reuniões que daí advieram entre ambas as partes. Esta carta é um marco significativo na relação entre as duas religiões, ou mesmo uma aproximação sem precedentes. Suscitou respostas e comentários e motivou diversas conferências e reuniões entre islâmicos e cristãos, onde o diálogo inter-religioso se vai tornando uma realidade. De entre as várias iniciativas que sucederam à carta pode ser destacado o primeiro Fórum Internacional Cristão-Muçulmano que decorreu no Vaticano um ano após a sua publicação.

Três personalidades que estiveram na origem deste documento receberam, em 2008, o prémio *Eugen Biser* que distingue aqueles que trabalham na criação de uma base comum para a coexistência pacífica e tolerante de todas as religiões e nações.

O projeto recebeu também o prémio *Building Bridges* em 2008, atribuído pela Associação de Cientistas Sociais Muçulmanos sediada em Londres.

Esta breve descrição mostra a relevância que esta carta aberta teve e tem para a relação entre muçulmanos e cristãos, já que originou um processo de diálogo muito aberto e dinâmico.

www.acommonword.com

2008

Conferência Mundial sobre o Diálogo, Espanha

Uma iniciativa islâmica de reflexão acerca da necessidade do diálogo inter-religioso

Em julho de 2008 ocorreu, em Madrid, uma Conferência Mundial sobre o diálogo que reuniu representantes do Islão, do Judaísmo, do Cristianismo, do Hinduísmo, do Budismo, do Xintoísmo e do Confucionismo. Foi organizada pela Liga Islâmica Mundial, sob a direção do Guardião dos Lugares Sagrados, o Rei Abdullah Ibn Abdul Aziz Al-Saud, da Arábia Saudita (ver adiante). Este apelou a que todos os verdadeiros crentes das grandes religiões mundiais se empenhem em derrotar extremismos religiosos, a encontrar causas comuns e a propagar a paz.

Os quatro grandes temas da Conferência foram: a importância do diálogo na sociedade humana; as fundações do diálogo religioso e civilizacional; os aspetos humanos comuns no diálogo; e a avaliação e promoção do diálogo.

O diálogo inter-religioso foi amplamente debatido tanto na sua vertente mais teórica, como na sua forma prática de realização, na perspetiva de reelaborar estratégias e delinear áreas de aprofundamento.

A sua pertinência, enquanto instância criadora de relação entre as diversas religiões, reside ainda na salvaguarda e valorização do que é próprio de cada tradição.

www.world-dialogue.org

2008

Centro para o Compromisso Judaico-Muçulmano

Iniciativa conjunta de promoção da relação Judaico-Muçulmana

Este Centro promove o diálogo e a compreensão mútua entre estas duas religiões abraâmicas. Tem como objetivo a criação de ferramentas que ajudem tanto as populações comuns, como as instituições e os académicos, a serem ativos na construção de uma relação de respeito e tolerância. Pretende construir pontes entre as gerações pois é nesta ampla concertação de relações que cada tradição sai verda-

deiramente valorizada e enriquecida. Age a nível local, nacional e internacional e trabalha, ao mesmo tempo e de forma concertada, a dimensão pessoal, institucional e académica do diálogo inter-religioso.

É um centro que propõe a compreensão mútua das doutrinas destas duas tradições religiosas com uma história comum, através da ação de investigadores e da criação de recursos e experiências. Tendo em vista aumentar a capacidade de empenho conjunto em questões e causas de mútuo interesse, é reconhecido como um modelo de trabalho em parceria nas relações entre as religiões.

www.cmje.org

2009

Carta pela Compaixão

Exemplo de mobilização em torno de um valor comum

Conhecida como *Charter for Compassion*, foi apresentada publicamente a 12 de novembro de 2009. Visa afirmar a universalidade e humanidade do valor da compaixão e reconhecê-la como um valor intrínseco ao ser humano. É assumida como um ideal presente em todas as religiões, passível de unir em torno de uma causa comum pessoas com pertenças religiosas ou convicções ideológicas distintas. Aponta para a construção de um mundo onde a compaixão possa estar novamente no centro das práticas em sociedade.

Esta carta é o resultado de um trabalho colaborativo extenso de um conjunto de personalidades, entre as quais vários líderes religiosos e teólogos. A mentora deste projeto foi Karen Armstrong, uma escritora britânica que já publicou várias obras sobre a religião e as religiões. Ganhou em 2008 o prémio TED (Tecnologia, Entretenimento e Design), onde apelou à concretização deste projeto, a qual tem contado também com a ajuda do Instituto Fetzer.

A compaixão implica uma sensibilidade ao outro, colocando-se no seu ponto de vista, um princípio facilitador do diálogo inter-religioso.

Em 2011, esta carta foi traduzida e publicada em português, pelo ACIDI, IP.

http://charterforcompassion.org

2011

Manual de Assistência Espiritual e Religiosa Hospitalar

Uma iniciativa portuguesa

Visa facilitar a acessibilidade de todos, qualquer que seja a sua pertença religiosa, ao apoio espiritual e religioso em situação de doença e de hospitalização. Foi elaborado pelo Grupo de Trabalho Religiões e Saúde (GTRS), no qual participam várias confissões religiosas presentes em Portugal, criado em 2009, na sequência do Decreto-lei que regulamenta a Assistência Espiritual e Religiosa no Serviço Nacional de Saúde.

O manual apresenta as perspetivas sobre assistência espiritual e religiosa hospitalar de: adventistas do 7º Dia, baha'i, budistas, católicos, hinduístas, islâmicos, judeus, mórmons, ortodoxos, protestantes evangélicos e testemunhas de Jeová. Inclui um descritivo por religião onde constam: as práticas religiosas e os seus textos sagrados; os ritos do nascimento; a alimentação e a prescrição religiosa; o sentido e práticas na doença e no sofrimento; os ritos prescritos perante o mistério da morte. Este é um instrumento precioso de ajuda aos profissionais de saúde que lhes permitirá cuidar dos doentes respeitando a sua crença religiosa. Aponta-se para que estes cuidados se realizem em estreita colaboração com o acompanhamento espiritual e religioso, um direito que assiste a todo o doente.

Trata-se de uma iniciativa portuguesa que, de forma concreta e local, contribui para o desenvolvimento do diálogo inter-religioso e que o canaliza em favor de um melhor cuidado à população.

Por fim, é de sublinhar que o grupo de trabalho afirma que o manual será alvo de uma atualização permanente e que desejam completá-lo em diálogo com o Agnosticismo e o Ateísmo, para que todos sejam incluídos e respeitados nas suas opções quando se encontram internados nos hospitais.

2.
ALGUMAS PERSONALIDADES MARCANTES DO DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

a) Antes de o ser...

(1263)
Disputa em Barcelona entre Pablo Christiani e o Rabbi Moyses ben Nachman (Nachmanides)

Em 1263, houve em Barcelona uma reunião organizada por Raimundo de Penhaforte na corte do Rei Tiago I de Aragão, entre Pablo Christiani, um judeu recém-convertido ao Cristianismo, e o Rabbi Moyses ben Nachman, conhecido como Nachmanides. Este encontro acontece no contexto da reconquista cristã da Península Ibérica, pelo que se intui que o mesmo tivesse como intenção primeira a conversão dos judeus ao Cristianismo e não um entendimento cordial entre as duas religiões. No entanto, sabemos que os seus interlocutores, com liberdade de expressão, expuseram as razões da sua fé. O diálogo inter-religioso também é construído por estes confrontos onde os interlocutores expressam as razões.

Esta referência constitui apenas um exemplo dos muitos encontros esporádicos que marcavam a relação entre confissões religiosas diferentes.

(1401-1464)
Nicolau de Cusa

Nicolau de Cusa é um destacado teólogo e filosofo católico alemão que, entre inúmeras outras tarefas e missões, se empenhou na união entre a cristandade oriental e ocidental. Em 1438, foi até à corte imperial grega com o intuito de

propiciar novamente a união entre cristãos ortodoxos e católicos. Considerava que devia haver apenas uma religião e que esta podia ter ritos diversos no seu seio. O seu contributo para o diálogo inter-religioso foi, porém, mais abrangente. Como qualquer cristão católico do seu tempo, achava que a salvação se encontrava no seio desta Igreja. No entanto, foi capaz de olhar para além da fé que professava e constatou que nas outras tradições havia algo de verdade religiosa. Tendo esta convicção por base, Nicolau de Cusa procurou conhecer outras religiões e travar com elas um diálogo construtivo, numa atitude verdadeiramente inovadora, que ainda hoje inspira aqueles que se empenham no diálogo inter-religioso.

Companhia de Jesus e a sua missão evangelizadora

A Companhia de Jesus é uma ordem cristã católica, fundada por Santo Inácio de Loyola, em 1534. É conhecida, entre muitas outras coisas, pelo seu espírito missionário e evangelizador, muito característico dos primeiros tempos da Companhia de Jesus. No entanto, o espírito evangelizador destes homens partia de uma valorização e conhecimento das culturas locais. Procuravam aprender as línguas locais, os costumes e tradições, vivendo próximo da população, conhecendo-a e só aí anunciavam a fé cristã.

Para ilustrar esta faceta da Companhia de Jesus, podem destacar-se dois exemplos significativos: ***São Francisco Xavier*** (1506-1552) e ***Matteo Ricci*** (1552-1610), que baseavam a sua missão evangelizadora no oriente, na prática do diálogo, da partilha e conhecimento mútuos. Ricci foi também um estudioso da língua, cultura e costumes chineses, tendo elaborado os primeiros planisférios em língua chinesa.

(1542-1605)
Imperador Mongol Jalaluddin Muhammad Akbar

O Imperador Mongol Jalaluddin Muhammad Akbar ficou conhecido pelo período de estabilidade e prosperidade obtido num vasto império, que incluía o norte e centro do continente indiano. O seu reinado apostou num forte desenvolvimento da arte e cultura da região. Neste âmbito, destacam-se uma série de debates

que promoveu para a discussão de questões religiosas, em que participaram vários eruditos de diferentes religiões como muçulmanos, cristãos, judeus, budistas, hindus e sikhs. Estes debates marcam o diálogo inter-religioso, algo que era bastante raro neste tempo. O Imperador acaba por criar a sua própria religião, a qual nem teve muita adesão, nem sobreviveu à sua morte.

b) Papel de alguns líderes mundiais...

(1869-1948)
Mohandas Karamchand Gandhi

Mahatma Gandhi foi um indiano, mundialmente conhecido pela luta pacífica que travou em favor dos direitos do seu povo, primeiro na África do Sul e depois na própria Índia, conduzindo um processo que levou à independência deste território. A sua luta era marcada pelo princípio da não agressão e não-violência, o *Satyagraha*, – o "caminho da verdade". Gandhi apelava à mobilização social pacífica como forma de luta e de protesto face à opressão, à discriminação, à exclusão, ao sofrimento, à fome e à pobreza. Também batalhou sempre pela união entre hindus, cristãos e muçulmanos, pois não via as diferenças religiosas como fatores de afastamento ou inibidores de relação, mas acreditava que no seu âmago estava sempre a verdade e o amor. É uma figura marcante para o diálogo inter-religioso, um exemplo vivo do espírito que anima este mesmo diálogo em tudo o que realizou, construindo pontes onde elas não existiam e inspirando outros a fazerem o mesmo.

(1935-...)
Tenzin Gyatso, o décimo quarto Dalai Lama

É o atual líder espiritual do Budismo Tibetano e foi o primeiro Dalai Lama a viajar pelo mundo ocidental. As suas viagens contribuíram para um maior conhecimento do Budismo a nível mundial e para a sensibilização face à situação política do Tibete. É um dos líderes religiosos mais conhecidos e respeitados no mundo, defensor acérrimo da paz, da tolerância e da construção de pontes entre as religiões. Acredita que as religiões são fundamentais para a construção da paz, da

harmonia e da dignidade humana.

Ao olharmos para a sua vida vemos que é um homem profundamente comprometido com o diálogo inter-religioso, estando pessoalmente presente em diversas conferências e reuniões que vão sendo organizadas pelos organismos descritos nesta cronologia. Já se encontrou com diferentes líderes religiosos com os quais procura criar laços profícuos.

É de destacar a sua intervenção na conclusão do Centenário do *Parliament of the World's Religions,* onde perante milhares de pessoas apelou a uma maior harmonia entre as religiões. Em 1999, no mesmo parlamento na Cidade do Cabo, na África do Sul, teve um contributo significativo em conjunto com Nelson Mandela. É patrono do *World Congress of Faiths*, já referido. E como reconhecimento pelo seu trabalho e esforço pela paz e harmonia entre as religiões recebeu, em 1989, o Prémio Nobel da Paz.

É sem dúvida um dos grandes protagonistas do atual diálogo inter-religioso, tendo mesmo contribuído ativamente para o seu florescimento.

(1978-2005)
Pontificado do Papa João Paulo II

Karol Wojtyla, o Papa João Paulo II, num dos maiores pontificados que a Igreja Católica já conheceu, teve um papel muito relevante na construção do diálogo inter-religioso e ecuménico. Um dos grandes objetivos foi exatamente o de criar relações mais fraternas entre as várias religiões e promover a união dos cristãos.

São de destacar as suas visitas a locais de culto de diferentes religiões e encontros com os seus líderes. Por exemplo, foi o primeiro Papa a visitar uma sinagoga. Foi, também, o primeiro a visitar o campo de concentração de Auschwitz na Polónia, reconhecendo o Holocausto como uma verdadeira tragédia mundial. No ano 2000, na viagem que fez à Terra Santa, visitou o monumento em memória desse período histórico e rezou junto ao Muro das Lamentações. Em 2001, visitou uma mesquita em Damasco, na Síria, expressando a vontade de um novo capítulo nas relações com os muçulmanos.

Foi no seu pontificado que se realizou o primeiro encontro de Assis, atrás mencionado. Encontrou-se várias vezes com o Dalai Lama, com o qual partilhava visões comuns em relação ao mundo. Nesta linha, promoveu também a aproxi-

mação com a Igreja Luterana da Alemanha e o Cristianismo Ortodoxo, em países como Roménia, Ucrânia e Grécia. No caso da Igreja Anglicana, na sua visita ao Reino Unido, pregou na Catedral de Cantuária.

Estas viagens, a par de um conjunto de gestos significativos, foram vistos como uma demonstração real da vontade de união. O Papa nas suas declarações apelou, frequentemente, a um diálogo aberto, tolerante e honesto entre todos.

No entanto, apesar de todos os esforços, muito está ainda por alcançar na relação da Igreja Católica com as outras confissões religiosas. Atualmente, a Igreja procura dar continuidade a este propósito, principalmente a nível local. Bento XVI, que lhe sucedeu, já, por diversas vezes, manifestou o seu empenho na construção de relações que aproximem as diferentes tradições religiosas.

(1991-....)
Bartolomeu I de Constantinopla

O Patriarca Ecuménico de Constantinopla (atual Istambul), Bartolomeu I, iniciou o seu mandato em 1991. É o primeiro entre iguais na comunhão ortodoxa bizantina, o que significa que preside a qualquer Concílio ou Sínodo Ortodoxo e é o porta-voz primeiro da comunhão ortodoxa. É um primado de honra e não de direito, ao contrário do que acontece com o Papa na Igreja Católica.

Este Patriarca tem sobressaído pela sua preocupação e empenho no diálogo com o mundo contemporâneo e as suas preocupações. É de destacar o esforço que tem feito na tentativa de reconstrução e união das Igrejas Ortodoxas Bizantinas, que foram perseguidas durante o domínio soviético até 1990. Pretende que os laços entre os cristãos sejam mais estreitos e que as religiões do mundo possam coexistir pacificamente, enriquecendo-se e contribuindo para a construção de uma sociedade melhor.

Bartolomeu I é conhecido pelo seu empenho na promoção da liberdade religiosa, dos direitos humanos e da tolerância. Este diálogo tem sido marcado por inúmeras visitas e reuniões formais. Entre outros, pertence ao Conselho dos Líderes Religiosos do *Elijah Interfaith Institute*. Tem tido um papel particularmente relevante na relação dos cristãos com os muçulmanos, organizando um conjunto de encontros com os líderes muçulmanos e realizado inúmeras viagens a territórios como a

Líbia, o Egito, o Irão, a Jordânia, o Qatar, etc... Este seu esforço ímpar concedeu-lhe uma credibilidade geradora de confiança que mais nenhum líder cristão possui.

Em 2001, três meses depois do 11 de setembro, organizou, com a Comissão Europeia, uma conferência interconfessional em Bruxelas.

Por esta breve descrição vemos como Bartolomeu I se destaca combatendo, com todos os meios que a sua fé e posição lhe permitem, os conflitos que podem existir entre as religiões.

(2005-...)
Abdullah Ibn Abdul Aziz Al-Saud

Abdullah Ibn Abdul Aziz Al-Saud é o atual rei da Arábia Saudita e o guardião dos lugares santos, Meca e Medina. O Rei tem o dever de os proteger, facilitando o acesso a todos os muçulmanos que aí queiram prestar culto religioso.

Este monarca foi protagonista de um conjunto de ações que demonstram o seu empenho nesta matéria. Em novembro de 2007, visitou o Papa Bento XVI, tendo sido o primeiro rei saudita a fazê-lo. Em 2008, organizou uma conferência em Meca com o objetivo de promover a união de todos os líderes islâmicos para que estes pudessem dialogar a uma só voz com os líderes judeus e cristãos. No final deste mesmo ano, é da sua iniciativa a conferência de Madrid, atrás referida. Foi ainda responsável pelo encontro "Paz de Cultura", na Assembleia-Geral das Nações Unidas, que tinha como objetivo erradicar o preconceito de relacionar o Islamismo com o terrorismo.

Abdullah Al-Saud tem promovido ativamente uma relação de conhecimento, respeito, tolerância e fraternidade entre as diversas religiões. Aos olhos do monarca existem diversos fatores que unem os homens de diferentes credos, tais como a humanidade comum e a fé. Considera que as religiões devem contribuir sempre para o crescimento humano e para a sua felicidade e nunca para a sua destruição.

Abdullah Al-Saud é um exemplo que a todos deve desafiar na construção de uma sociedade mais aberta, mais justa e plural.

3.
DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO: UM (LONGO) CAMINHO A PERCORRER

A história do diálogo inter-religioso é reveladora: trata-se de um fenómeno cuja existência enquanto movimento consciente é extremamente recente. Recuando no tempo, à procura de sinais deste diálogo, encontramos já muitos vestígios que se poderão identificar como os primeiros passos para esta forma de estar no mundo, de olhar e viver a relação entre os povos e as suas religiões. Este olhar atento dá-nos, portanto, uma visão global do fenómeno, ao mesmo tempo que desafia e encoraja a nossa capacidade de nele participar ativamente. Isto porque a sua breve história evidencia a sua possibilidade efetiva, mais do que de um sonho: as religiões e os seus crentes em diálogo e união em prol da defesa de valores e convicções comuns. É nesta partilha e desejo de viver em harmonia e respeito que o ser humano sai reforçado e valorizado.

Esta cronologia apresenta muitas iniciativas institucionais, com diferentes organizações e personalidades, que promovem a construção de uma relação aberta entre as diversas tradições religiosas. No entanto, este diálogo é também amplamente construído na vida quotidiana de cada um de nós, algo que não pode ser abarcado por este descritivo. Cada uma destas esferas, a seu modo, tem um papel vital na construção da capacidade de dialogar e de interagir em cooperação.

O elenco proposto, assinalando alguns aspetos significativos, situa este fenómeno e desperta para a sua pertinência e, quiçá, urgência na atualidade. A atitude que caracteriza o diálogo inter-religioso surge, portanto, como um imperativo para o qual somos chamados a contribuir ativamente.

33 ideias para pensar e agir

DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO: O QUE PODEMOS FAZER?

É comum pensar-se que a temática do diálogo inter-religioso não é para todos, que fica melhor entregue nas mãos de padres, imãs, rabinos ou filósofos. Contudo, a verdade é que, muitas vezes, aqueles que têm maiores responsabilidades têm também menos liberdade para partir ao encontro do outro.

Inspirados ou não pelos percursos enunciados, parece evidente que há muito trabalho a fazer na base das sociedades, entre as pessoas comuns, para que se estabeleçam laços de respeito e convivência. Os valores morais e religiosos são uma área sensível envolvendo crenças e conceções do mundo. A sua abordagem tem de ser feita de forma aberta e gradual, num clima de diálogo e confiança, procurando sempre pôr-se no lugar do outro.

Apresentam-se aqui um conjunto de sugestões que cada um pode levar à prática na sua vida e na sua comunidade que, muitas vezes, mais não são do que propostas de um novo olhar, ou seja, "ver o mundo com outros olhos" e agir.

CADA UM DE NÓS PODE FAZER A DIFERENÇA!

1

Nenhuma sociedade é religiosamente uniforme. Esteja atento, no seu grupo de amigos, no seu bairro, na sua cidade a essa diversidade.

2

A diversidade não existe apenas entre diferentes religiões e crenças, mas também dentro das próprias religiões. Nunca pense que todos os membros de uma religião são iguais. Cada pessoa traz para a prática religiosa a sua história pessoal, ideias e modos de viver.

3

À partida, podemos olhar para o outro como alguém muito diferente de nós, quer pela religião que pratica, quer por não praticar nenhuma. Lembre-se, contudo, que todos temos coisas em comum: a nossa humanidade, os direitos básicos, o amor à nossa família, as alegrias e as tristezas inevitáveis da vida.

4

Como as pessoas, também as religiões diferentes têm muito em comum; todas realçam a importância da compaixão e do respeito pelo próximo, por exemplo.

5

Lugares-comuns como "no fundo todas as religiões são iguais" revelam uma atitude simplista e paternalista. Por mais que possam ter em comum, na verdade, as religiões têm as suas especificidades, que as caracterizam, e é isso que as torna únicas.

6

As diferenças e, às vezes, as tensões entre as religiões podem ser causa de conflito, mas no respeito pela liberdade religiosa, essas diferenças podem também ser uma fonte de riqueza e descoberta de novos sentidos.

7

Conhecer as diferentes religiões, quer as que nos são mais próximas quer aquelas com as quais temos menos contacto, é uma questão fundamental para nos situarmos no mundo atual. Esteja atento e não hesite em aprofundar o seu conhecimento.

8

Procure saber mais e conhecer melhor as crenças de outra pessoa, não tenha medo de fazer perguntas. Desde que aborde o tema com respeito, o mais natural é essa pessoa ficar contente por poder falar de algo tão importante para si.

9

Uma única pessoa dificilmente pode transmitir toda a diversidade e complexidade de uma religião. Se o seu interlocutor não o souber esclarecer, procure mais opiniões, sobretudo junto de pessoas e/ou publicações especializadas.

10

Quando falar com alguém sobre as suas convicções religiosas ou outras, não se esqueça que está a tocar num aspeto que é sensível. Trate sempre o assunto com respeito, sem fazer juízos de valor.

11

Se alguém o procurar para pedir esclarecimentos sobre as suas convicções, é natural que lhe falte algum vocabulário ou informação. Aproveite a ocasião para esclarecer dúvidas e preconceitos.

12

Há sinais exteriores, como a roupa ou a forma de usar o cabelo ou barba, que podem ter um significado religioso e variar entre crentes de diferentes tradições ou zonas geográficas. Procure identificar, compreender e respeitá-los.

A atitude face à diferença forma-se cedo. Procure discutir estas questões e incentive o respeito pela diversidade – cultural, religiosa – sobretudo junto de crianças e jovens.

A biblioteca da sua escola / da sua área de residência tem uma boa seleção de livros sobre religião? Se não tem, sugira que se crie uma secção de livros, filmes, revistas e outros materiais que permitam conhecer e compreender as diferentes religiões. No final desta brochura encontrará algumas sugestões.

Na escola ou no local de trabalho, procure saber se existem opções alimentares que respeitem diferentes preceitos religiosos. Sugira à cantina que tente servir, pontualmente, refeições "kosher" ou "halal", até por interesse cultural. É uma excelente oportunidade de debater a diversidade religiosa.

16

Se é professor, encontre formas de incluir esta temática nas suas aulas, como por exemplo em História, Geografia, Relações Internacionais, Política, Artes, etc. Procure sugestões mais adiante.

17

Se trabalha ou estuda com alguém de uma religião diferente, tente saber quais são as principais festividades religiosas dessa pessoa e, nesse dia, mencione o facto, desejando-lhe um dia feliz ou fazendo outra saudação adequada.

18

Esteja atento aos diferentes calendários religiosos. No seu local de trabalho ou na sua escola, talvez se possam organizar horários de forma a que os crentes participem nas suas celebrações.

19

Muitas pessoas tomam decisões sobre cuidados de saúde, para si ou para familiares, com base em crenças religiosas. Mesmo que lhe causem surpresa, procure conhecer, compreender e respeitar essas opções.

20

Há muito espaço para humor nas religiões, mas como em tudo na vida, há que fazê-lo com bom senso. Há certas anedotas ou até críticas que são bem aceites quando vêm de dentro da instituição, mas não quando vêm de fora.

21

A escuta e a empatia são virtudes essenciais para um bom diálogo. Mesmo que as opiniões da outra pessoa não sejam as suas, tente colocar-se no seu lugar, talvez compreenda melhor a sua posição sobre certos temas.

22

Há religiões que são, por natureza, missionárias e outras que não aceitam conversões. Se professa uma religião saiba distinguir as coisas, há ambientes em que a missionação tem lugar e outros em que não é adequada. O espaço do diálogo inter-religioso deve ser preservado para o enriquecimento mútuo e estabelecimento de laços.

23

Portugal tem uma história antiga de presença de diversos povos e fés. Tanto o país, como a maioria dos portugueses, têm alguma herança familiar cristã, judaica e islâmica. Tendo isto em conta, o outro será assim tão diferente de si como pensava? Procure informar-se sobre a influência de diferentes culturas e religiões no local onde vive.

24

A língua portuguesa é um exemplo dessa variedade. Por exemplo, do Islão temos palavras como salamaleque, olé, e oxalá; do judaico usamos o sábado e expressões como "bode expiatório" e "credo na boca". Investigue a origem destes termos e veja outros exemplos no fim.

25

Praticamente as escrituras, da maior parte das religiões, contêm textos que apelam à paz e convivência e outros que podem ser usados para defender a guerra e a violência. Talvez não lhe caiba a si decidir se uns são mais legítimos que outros, mas tem a liberdade de se concentrar mais nos primeiros que nos segundos. Use-a.

26

Quando encontrar um texto sagrado que lhe parece apelar à violência, perseguição ou guerra, tente informar-se sobre o seu contexto. Com mais alguma informação, poderá descobrir outros sentidos e interpretações.

27

Pela sua dimensão social tão importante, sempre houve aproveitamento das religiões para outros fins, desde políticos a desportivos, ou para justificar atos de violência. Não confunda esse aproveitamento com os seus verdadeiros fundamentos.

28

As religiões, tal como as culturas, não são estáticas, são influenciadas quer pelo contexto social e histórico, quer pelo modo como as pessoas as vivem. Não deixe que um único acontecimento ou uma vivência concreta condicione a sua visão.

29

Faça as suas perguntas de forma positiva. Por exemplo, em vez de: "Por que é que vocês fazem aquela coisa esquisita?", tente: "É verdade que na vossa religião se faz isto ou aquilo? Que interessante! Gostaria de saber mais sobre isso." Vai ver que a resposta será condizente.

30

No campo do diálogo inter-religioso, os primeiros passos podem e devem, muitas vezes, ser dados por pessoas comuns que, por natureza, têm uma maior liberdade de ação do que aqueles com responsabilidades mais elevadas.

31

A forma como a sociedade organiza o tempo está relacionada com a religião. Por exemplo, no Ocidente, o Domingo é o primeiro dia da semana e o dia de descanso, por influência do Cristianismo. E nas outras culturas e religiões? Procure saber qual o dia da semana mais importante para os judeus ou para os muçulmanos, por exemplo.

Se está interessado em promover um evento de diálogo inter-religioso, evite temas potencialmente conflituosos, como questões teológicas profundas, situações de violência, etc. Estes são assuntos que podem e devem ser discutidos, mas têm o seu tempo e o seu espaço. Não há falta de temas interessantes e sugestivos. Veja alguns mais adiante.

Desde a II Guerra Mundial, morreram mais de 16 milhões de pessoas em conflitos interétnicos ou inter-religiosos, cinco vezes mais do que em guerras políticas. Ainda hoje, dois terços das guerras civis baseiam-se na identidade étnica e/ou religiosa. O conhecimento e o respeito pelo outro pode evitar conflitos e salvar vidas! Faça a sua parte.

Alguns RECURSOS

1.
PARA SABER MAIS...

Na escola

- Escolha uma religião do mundo e descreva as suas raízes, principais crenças e a forma como se organiza hoje em dia.
- Faça um mapa da diversidade da sua turma / escola, fale com os seus colegas sobre a religião ou crença com que se identificam. Veja na sua família as mudanças ao longo das gerações.
- Garcia de Orta, Joshua Benoliel, Yahia Ben Yahia, Maslamah Ibn Ahmad al-Majriti, Averróis, Isaac Aboab da Fonseca, Ibn Tufail, Capitão Barros Basto, Maimonides, Abulcasis são apenas algumas figuras islâmicas e judaicas da história de Portugal e da Península Ibérica. Escolha um e faça uma pequena biografia.
- Escolha duas religiões presentes em Portugal e, com base em investigação e entrevistas com especialistas, faça uma análise sublinhando, por exemplo, diferenças e semelhanças.
- Em Portugal, usamos o calendário gregoriano. De onde surgiu este calendário? Há comunidades no nosso país que usem outros calendários? Quais são? Como se organizam?
- A religião tem influência nos nossos hábitos alimentares. Por vezes, proíbem certos alimentos ou encorajam outros. Há ainda que ter em conta que algumas religiões praticam o jejum em certos períodos. Investigue as particularidades em relação à alimentação de uma religião à sua escolha.
- As religiões e os textos sagrados. Quase todas as religiões têm os seus livros sagrados. Para o Cristianismo há a Bíblia, que inclui o Antigo e o Novo Testamento. Já a Bíblia Hebraica, conhecida também pelo acrónimo Tanakh, inclui apenas o Antigo Testamento. No Islão, o livro sagrado é o Alcorão. Que livros sagrados existem noutras crenças? Como é que estão estruturados? Quantos anos têm e qual o seu papel nas respetivas religiões?

2.
PARA DEBATER...

Gostaria de organizar um encontro, debate, evento de natureza inter-religiosa? Aqui ficam algumas ideias:

Encontro gastronómico: cada grupo participa apresentando um prato da sua tradição. Mas tenha em atenção as especificidades de cada religião! Um evento desta natureza pode ser especialmente educativo porque suscita o diálogo entre os envolvidos.

O jejum é uma vertente importante de várias religiões, incluindo o Cristianismo, Islão, Judaísmo, fé Baha'i e Hinduísmo. **Organize uma conferência em que representantes de diferentes religiões falam do que significa o jejum na sua tradição religiosa**.

Cada vez mais as religiões e os seus representantes vão dando maior atenção à importância de se preservar o meio ambiente. **Como é que as religiões encaram a ecologia?** Convide representantes de diferentes tradições religiosas ou crenças para discutir o tema.

A **meditação** é um assunto que transcende as religiões mas que é inseparável de muitas delas também. Convide dois ou três representantes de diferentes religiões e/ou outras convicções, para saber, por exemplo, como meditam, porque meditam e quais as vantagens da meditação. Porque não organizar ainda um **workshop de meditação**?

A **imigração** é uma realidade do mundo atual, tendo a religião um papel muito importante no processo de integração. Pensando no caso específico de Portugal, que trabalho fazem as diferentes igrejas no acolhimento aos imigrantes e na defesa dos seus direitos?

Visitas a locais de culto: visitar o local de culto de diferentes religiões é das melhores maneiras de conhecer e aprender a respeitar outras religiões e formas de estar. Organize a visita de modo a não colidir com as regras particulares do espaço escolhido.

3.
MATERIAIS DE APOIO

Para si

Livros

Os 23 (2001): um curioso livro de ensaios e banda desenhada do ilustrador Martim Avillez que conta a história dos 23 judeus de origem portuguesa, que fundaram a primeira comunidade judaica na América do Norte, com edição da Assírio & Alvim.

Religião e Violência (2002): escrito no seguimento dos ataques terroristas do 11 de setembro, vários teólogos portugueses analisam a realidade da violência e do extremismo religioso. José Jacinto Ferreira de Farias, Peter Stilwell, Alfredo Teixeira e Joaquim Carreira das Neves são os autores desta obra da Paulus.

Olhar o Património Religioso, entender a cultura (2004): guião de visita a lugares de culto de Lisboa, contempla os templos mais significativos do Cristianismo (Católico e Ortodoxo), Judaísmo, Hinduísmo e Islão. Visitar os lugares onde uns e outros celebram o culto e visualizar como se articulam as respetivas doutrinas, ritos e práticas da vida quotidiana, é uma forma pedagógica de nos compreendermos melhor. Edição Paulinas e Secretariado Entreculturas.

Religiões – História, Textos, Tradições (2006): uma obra essencial, que aborda o Hinduísmo, Judaísmo, Budismo, Cristianismo, Islão e Fé Bahá'í. Contou com a colaboração de um vasto painel de especialistas e representantes de cada confissão e tem a chancela da editora Paulinas.

A Oração dos Homens – Uma antologia das tradições espirituais (2006): esta coletânea de orações conta com textos de diferentes tradições e religiões e é uma boa forma de entrar em contacto direto com um dos aspetos principais de cada religião, a oração. Com edição da Assírio & Alvim, conta com a coordenação de Armando Silva Carvalho e de José Tolentino Mendonça.

Enciclopédia das Novas Religiões (2006): uma obra da Verbo, com coordenação de Christopher Partridge e que contém informação sobre centenas de novas religiões, seitas, correntes espirituais e assuntos associados.

O Islão na Europa (2006): coordenado por Maria do Céu Pinto, este livro da Prefácio, aborda um tema da crescente presença de muçulmanos na Europa e como essa realidade multifacetada está a transformar as relações entre o Velho Continente e o Islão.

O Islão e o Ocidente – Uma harmonia dissonante de civilizações (2006): ao contrário do que muitos tendem a pensar, o Islão e o Ocidente nem sempre estiveram de costas voltadas. Nesta análise histórica, Christopher J. Walker traça treze séculos de relação e ajuda-nos a conhecê-la melhor. Edição da 70.

Breve História dos Judeus em Portugal (2009): Jorge Martins é dos mais destacados estudiosos do judaísmo português. Nesta obra apresenta, de forma acessível ao grande público, a história da relação entre esta antiga religião e Portugal, uma história marcada por interrupções trágicas, mas também por vários acontecimentos dignos de nota. Edição da Vega.

O Regresso de Deus – Como o regresso da fé está a mudar o mundo (2010): um livro que aborda a importância da religião no mundo dos nossos dias, por John Micklethwait e Adrian Wooldridge, editores do Economist, uma das mais prestigiadas revistas de assuntos internacionais no mundo. Edição da Quetzal.

História do Ateísmo em Portugal – Da Fundação ao final do Estado Novo (2010): Luís F. Rodrigues apresenta aqui um importante documento para compreender que o ateísmo não é um fenómeno novo nem no mundo nem em Portugal. Este livro é editado pela Guerra & Paz.

Islão – Passado, presente e futuro (2010): este livro tem a curiosidade de ter sido escrito por um dos teólogos cristãos simultaneamente mais respeitados e polémicos, Hans Küng, e apresenta por isso uma perspetiva recente sobre a segunda religião mais numerosa do mundo.

Celebração do Tempo: um calendário interconfessional e inter-religioso que se insere no espírito da Declaração Universal dos Direitos Humanos, mais concretamente no espírito da Declaração para a Eliminação de Todas as Formas de Intolerância e Discriminação. O Calendário contempla a explicação histórica/teológica dos símbolos usados para identificar cada religião, um resumo explicativo de cada uma, referindo os respetivos princípios doutrinários, fundador e textos sagrados. Uma edição anual da editora Paulinas.

Filmes

A Missão, 1986, Roland Joffé, EUA – Uma comunidade religiosa que não se impõe numa cultura diferente mas atua no respeito por ela e os choques que surgem quando outros membros da mesma religião chegam com ideias bem diferentes.

Gandhi, 1993, Richard Attenborough, Reino Unido – A história de um homem que mudou o rumo da Índia apelando às vertentes mais pacíficas e conciliadoras das várias tradições religiosas que existem, lado a lado, naquele país.

Viram-se gregos para casar, 2002, Joel Zwick, EUA – Esta interessante comédia explora as dificuldades que podem surgir quando duas culturas, e diferentes visões religiosas, se cruzam para um momento tão importante como é um casamento.

Out of Cordoba: Averroes and Maimonides in Their Time and Ours, 2009, Jacob Bender, EUA – Judeus e muçulmanos lutam contra preconceitos e os danos cometidos contra as suas religiões por extremistas e fundamentalistas. O título é inspirado em duas personagens ilustres da história de Córdoba, que tiveram grande impacto na evolução social do seu tempo

Dos Homens e dos Deuses, 2010, Xavier Beauvois, França – A história verídica de uma comunidade de monges católicos cuja vida é um exemplo de convívio inter-religioso e de promoção da tolerância e do respeito pelo outro.

O Atalho, 2011**,** Kelly Reichardt, EUA – Um filme que aborda a diferença e a (des) afinidade cultural, social e necessariamente religiosa, também, entre os pioneiros americanos e os índios.

Para crianças e jovens

As Cruzadas vistas pelos Árabes (1983): um livro interessante de Amin Maalouf, com edição da Difel que permite aos leitores um exercício de empatia para perceber que todas as histórias podem ser vistas de perspetivas diferentes.

O Rei, o Sábio e o Bobo (2000): Esta divertida obra de ficção de Shafique Keshavjee, edição da Temas e Debates, é também uma forma interessante de aprender mais sobre os fundamentos e crenças das principais religiões do mundo.

O Pássaro da Alma (2001): editado em Portugal pela Veja, da autoria da israelita Michal Snunit. Trata-se de um livro para todas as idades, mas que pode ser lido aos mais novos. De forma poética e com ilustrações muito sugestivas, explica a relação de nós mesmos com a nossa "alma" usando, para isso, a metáfora do pássaro.

O Grande Livro das Religiões – Celebrações, crenças e rituais de todo o mundo (2005): Esta enciclopédia das Edições Asa está recheada de imagens e explicações que, em linguagem simples, permitem aos jovens aprofundar o seu conhecimento sobre as diferentes religiões.

Em que acreditam...? (2007): Esta coleção da Booket (Leya) é composta por quatro curtos livros, cada um sobre uma religião diferente. Assim podemos ficar a saber melhor em que acreditam os cristãos, os muçulmanos, os budistas e os druidas.

Uma Fé Como a Minha – As principais religiões do mundo vistas pelas crianças (2008): Uma introdução, simples e com muitas imagens, a várias religiões, pelo olhar de muitas crianças que explicam algumas das suas crenças e tradições. Edição da Civilização Editora.

4.
TERMOS E EXPRESSÕES DE ORIGEM RELIGIOSA

Já pensou em quantos termos usamos no dia a dia que têm origens religiosas? Por exemplo:

Do Islão temos palavras como **Salamaleque**, que deriva de *as salam alaikum*, a saudação tradicional dos muçulmanos, e que significa *a paz esteja contigo*. Ainda do árabe, temos **Oxalá**, que vem de *Inshallah*, uma expressão que significa *Se Deus quiser*. Mesmo o termo banal **Olé** deriva do árabe *wallah* e quer dizer *por Alá! Por Deus!*

O Judaísmo também deixou um importante legado em termos linguísticos. Temos por exemplo a palavra **Sábado**, que vem de *Shabat*, e expressões peculiares como **Bode Expiatório** e **Credo na Boca**. O primeiro diz respeito à tradição bíblica de Aarão, que confessou os pecados do povo por cima da cabeça de um bode que, simbolicamente, foi enviado depois para o deserto. Já o segundo vem do tempo em que os judeus eram perseguidos e tinham que fingir ter-se convertido ao Cristianismo. A qualquer altura, estes "cristãos novos" podiam ser confrontados sobre a sua verdadeira identidade. Para enganar os desconfiados, então, aprendiam de cor o credo, oração central do Cristianismo, e recitavam-no.

Naturalmente, o Cristianismo contribui também com muitas expressões para a nossa língua. Algumas, porém, são surpreendentes. Antigamente, por exemplo, o melhor vinho era reservado para as igrejas, para celebrar a missa. Os barris com esse vinho eram assinalados com as letras gregas que representam a palavra Cristo. Essas letras são o Chi (X), o Rho (P), o Tau (T) e o Omicron (O). Ou seja, nos barris eram estampadas as letras **XPTO**, que passaram a ser lidas ao modo latino. Hoje em dia a expressão XPTO é usada para descrever uma coisa fora de série, ou de excelência.

Há ainda termos gerais que têm uma carga religiosa, embora possamos não sabê-lo. A palavra **entusiasmo**, por exemplo, vem do grego *Theos* (Deus), e significa *cheio de Deus*, e **fanático** vem do latim *fanum*, que significa templo ou lugar consagrado à divindade.

5.
ALGUMAS DAS PRINCIPAIS FESTAS

Diferentes culturas e religiões organizam o tempo de formas variadas, o que leva à existência de calendários diferentes.

Em Portugal, utilizamos o calendário Gregoriano, que é marcadamente cristão e parte da data do nascimento de Jesus Cristo. O primeiro dia da semana é o **Domingo**, que é também o principal dia de descanso. Isto deve-se ao facto de ser, para estes, o dia principal da semana. O **Cristianismo** conta com vários dias santos, sendo que o principal é o Domingo de **Páscoa**, altura em que se celebra a ressurreição de Jesus.

O **Natal**, que em termos religiosos é menos importante que a Páscoa, mas que socialmente ganhou uma importância muito grande, é celebrado sempre no dia 25 de dezembro e recorda a data do nascimento de Jesus.

Algumas comunidades cristãs, nomeadamente, as Igrejas Ortodoxas ou Católicas de rito oriental, utilizam ainda o calendário Juliano, que era o calendário comum de todo o mundo cristão até ao século XVI. Este calendário tem um atraso de 13 dias em relação ao Gregoriano o que leva, por exemplo, a que muitos cristãos festejem o Natal no dia 7 de janeiro (do calendário gregoriano). Quando se trata de comunidades imigrantes em países ocidentais, pode existir alguma dificuldade em assinalar o dia condignamente, especialmente quando calha a um dia de trabalho normal.

Já o **Islão**, por exemplo, tem a **Sexta-feira** como principal dia em termos religiosos. É neste dia que os muçulmanos vão à mesquita ou rezam de forma comunitária. O seu calendário tem início na Hijra, a data em que Maomé se mudou da cidade de Meca para Medina, que no calendário gregoriano foi em 622. Todas as festas islâmicas são calculadas com base neste calendário e por isso calham em datas diferentes do calendário gregoriano.

O principal período do calendário islâmico é o mês de **Ramadão**, o nono mês do seu calendário. Durante este mês, todos os muçulmanos (exceto, por exemplo, crianças, mulheres grávidas, doentes, etc.) devem observar o jejum, não consumindo qualquer alimento, incluindo água, do nascer ao pôr do sol.

O **Eid al-Fitr** é uma festa muito importante que tem lugar depois do Ramadão e no qual é habitual organizar festins e celebrações. A origem desta festa remonta às celebrações de Maomé e dos seus seguidores depois da vitória na batalha de Badr.

De referir ainda a festa de **Eid al-Adha**, que assinala o fim do Hajj, a peregrinação a Meca, que todos os muçulmanos devem procurar completar pelo menos uma vez na vida. Esta festa é normalmente acompanhada de três dias de feriado em países islâmicos. São feitos sacrifícios de animais cuja carne é usada para consumo sendo, pelo menos, uma parte reservada para dar aos pobres.

No calendário utilizado no **Judaísmo**, que está cerca de 3760 anos adiantado em relação ao gregoriano, o Sábado é o dia da semana que tem primazia, tendo sido ordenado por Deus como o dia do descanso.

Um dos dias mais importantes do calendário judaico é o **Yom Kippur**, que significa Dia da Expiação. Este dia, que tem lugar perto do início do novo ano judaico, é o dia em que os judeus pedem e recebem o perdão de Deus pelos seus pecados.

Outra data importante é o **Pesach**, ou Páscoa. Ao contrário da Páscoa cristã, a judaica assinala a passagem do povo de Israel da escravidão do Egito para a liberdade na terra que Deus lhes reservara.

Nos últimos tempos, tem ganho importância social a festa do **Hannukah**. Neste período, os judeus celebram a resistência dos israelitas aos seus ocupadores, que queriam obrigá-los a praticar a idolatria. O Hanukkah costuma calhar entre finais de novembro e finais de dezembro do calendário gregoriano, ou seja, perto da altura do Natal. Assim, em países onde os judeus formam importantes minorias, é costume ver símbolos alusivos ao Hannukah juntamente com decorações de Natal.

O **Hinduísmo** é uma religião marcada por uma grande diversidade. Na Índia, onde é a religião maioritária, existem muitos calendários diferentes.

Os hindus têm várias festas religiosas importantes. Uma das mais populares é o **Diwali**, a festa das luzes, que dura cinco dias e é marcado por fogo de artifício e distribuição de doces. O Diwali também é celebrado por outras religiões originárias da Índia, como o **Sikhismo** e o **Jainismo**. Há discussão sobre a verdadeira origem do festival, mas as tradições apontam para o tema geral da vitória do bem sobre o mal.

Um pouco como o Hinduísmo, o **Budismo** também é marcado por uma grande variedade e diferentes correntes. Contudo, a principal festa desta religião é sem dúvida o nascimento de Buda, uma festa conhecida como **Vesak**, na qual se festeja não só a vinda ao mundo como ainda a sua iluminação e a sua morte.

Outra festa importante é o **Ano Novo** budista, período de grandes celebrações em muitos países onde o Budismo é a religião principal. Também esta festa é assinalada em dias diferentes consoante a corrente praticada no respetivo país.

A religião **Bahá'í** tem as suas raízes no Islão, mas adotou muitas festas e tradições próprias.

O calendário Bahá'í é único e é composto por 19 meses de 19 dias cada. O começo do seu calendário coincide com o ano 1844 do calendário gregoriano.

Os crentes desta religião também têm um **mês de jejum**, que não coincide com o Ramadão, tendo lugar normalmente no mês de março do calendário gregoriano. As regras, contudo, são semelhantes ao Islão, e incluem a observância rígida do jejum do nascer ao pôr do sol.

Outra festa importante no calendário Bahá'í é o **nascimento de Baha'u'llah**, o fundador da religião. É um dos nove santos do ano em que os fiéis devem abster-se de trabalhar.

6.
ORIENTAÇÕES DE CARÁTER GERAL PARA SE VISITAR TEMPLOS OU LUGARES SAGRADOS

Quer esteja a visitar um templo como devoto ou como turista, deve saber como comportar-se num local sagrado. A maioria das regras de etiqueta são de bom senso, mas o que nos parece apropriado pode não o ser para um monge budista ou uma freira católica.

- Se pretender participar na oração ou no culto, deve informar-se antecipadamente se é possível e, nesse caso, se existem restrições a ter em conta.
- Respeite estritamente as regras relativas aos costumes locais e procedimentos no culto da divindade. Se o templo tiver certos regulamentos, deve observá-los.
- É prudente vestir-se com decoro, não mostrando joelhos ou ombros. Evite calções e tops.
- Verifique, à entrada, se existem quaisquer outros requisitos, tais como cobrir a cabeça ou descalçar os sapatos.
- Lembre-se que alguns templos podem não permitir o acesso a membros de outras religiões.
- Não fale em voz alta nem graceje no interior do templo. Se precisar mesmo de falar, faça-o discretamente por respeito para com o espaço sagrado. Não use o telemóvel.
- Tirar fotografias pode ser tentador, mas pergunte sempre se tal é permitido no interior do edifício. Se for, respeite a santidade do local.
- Na maior parte dos casos, a entrada nos templos religiosos é livre, mas pode deixar um donativo para a sua manutenção.

ENTIDADE FORMADORA ACREDITADA POR DGERT DIRECÇÃO-GERAL DO EMPREGO E DAS RELAÇÕES DE TRABALHO

POPH QUALIFICAR É CRESCER.

QREN QUADRO DE REFERÊNCIA ESTRATÉGICO NACIONAL PORTUGAL 2007.2013

UNIÃO EUROPEIA Fundo Social Europeu

GOVERNO DA REPÚBLICA PORTUGUESA